

OS ROMANCES DE QUE O POVO GOSTA O UNIVERSO DAS NARRATIVAS POPULARES DE FINAIS DO SÉCULO XIX

Alessandra El Far

Resumo: Esse artigo procura recuperar e analisar os chamados “romances de sensação” e “romances para homens”, no Rio de Janeiro de final do século XIX e início do XX, ressaltando, sempre que possível, a existência de uma dinâmica editorial e livreira voltada para o grande público em formação nesse cenário urbano. Pretendi, entre outras questões, mostrar que ao lado das conhecidas obras divulgadas pela história literária, uma variedade de impressões baratas, anunciadas como “livros para o povo”, tiveram ampla repercussão por dialogar com os principais conflitos, dilemas e anseios daquela época.

Palavras-chave: Literatura popular. Mercado editorial. Século XIX.

O mercado dos livros populares

O livro no Brasil teve uma história interessante. Durante todo o período colonial, o governo português, temendo a propagação de ideias progressistas e revolucionárias, proibiu a impressão de livros em nosso país. Mesmo assim, o livro ancorou nos portos brasileiros, abastecendo a curiosidade dos leitores que pareciam estar atentos aos títulos e autores pertencentes a um variado acervo de temas e narrativas europeias. A chegada da família imperial ao Rio de Janeiro, em 1808, e as conquistas políticas decorrentes do processo de Independência motivaram um maior desenvolvimento comercial e urbano, chamando, deste modo, a atenção de tipógrafos e livreiros estrangeiros, que passaram a estabelecer residência no Brasil, com o intuito de fazer desse público leitor, já existente, uma rentável clientela.

Nas décadas de 1820 e 1830, por exemplo, o jovem comerciante Eduardo Laemmert abriu a Livraria Universal, que mais tarde, ao contar com a parceria de seu irmão Henrique, receberia o nome de E. & H. Laemmert, Mercadores de Livros e de Música. Henrique e Eduardo publicaram por anos a fio o famoso *Almanak Laemmert*, além de inúmeras edições de luxo.

Esse mercado livreiro chamou a atenção também de Baptiste Louis Garnier, que desembarcou, em 1844, no Rio de Janeiro, com a intenção de ali inaugurar a filial de uma das livrarias mais conhecidas de Paris. Os títulos da livraria Garnier logo agradaram a nossa elite letrada interessada nas novidades e no *glamour* literário do velho mundo. Em função do seu aguçado tino comercial, os romances e os autores dos folhetins parisienses não tardavam a chegar aqui já impressos em livro.

Em pouco tempo, Garnier passou a editar autores nacionais. Porém, dizia-se, naquela época, que B. L. Garnier não publicava o primeiro livro de ninguém. Para conseguir o selo editorial de sua livraria era preciso antes conquistar o apreço dos críticos literários, assinar colunas na grande imprensa ou ter algum destaque na vida política do país. Mesmo com tantos requisitos, Garnier tornou-se um dos editores mais importantes do século XIX. Publicou obras de José de Alencar, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Joaquim Manuel de Macedo, Graça Aranha, Olavo Bilac e Sílvio Romero, dentre outros nomes do nosso cenário intelectual, recebendo, por isso, do Imperador D. Pedro II, o título de “livreiro e editor do Instituto Histórico e Geográfico” e uma comenda da Ordem da Rosa, pelos serviços prestados às letras nacionais.

Entretanto, é preciso frisar que o comércio livreiro carioca do século XIX estava longe de se concentrar nas mãos de um ou dois comerciantes bem-sucedidos. Naquele período, vários outros estabelecimentos do mesmo teor surgiram e divulgaram, cada um ao seu modo, suas ofertas, especialidades e raridades bibliográficas. Localizados nas ruas da Quitanda, Uruguaiana, Sete de Setembro, S. José, da Assembleia, do Carmo, do Rosário e do Ourives, esses comerciantes, sabendo que os volumes de acabamento requintado tinham endereço certo, apostavam em um novo tipo de negócio, o livro barato, que ganhava um número cada vez maior de adeptos, tornando-se assim um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento do mercado editorial no Brasil.

Esses livreiros de menor poder aquisitivo puderam apenas entrar em cena depois da chegada ao Rio de Janeiro das novas tecnologias de impressão. A partir da década de 1880, muitos editores começaram a divulgar nas páginas de anúncio da grande imprensa seus exemplares a preços bastante convidativos, em geral, volumes de capa brochada, feitos com papel de baixa qualidade. Quem não pudesse comprar as edições de luxo vendidas pela Laemmert ou pela Garnier, tinha agora a possibilidade de adquirir ao menos as chamadas edições populares. Na tentativa de conquistar um público leitor cada vez

mais difuso e heterogêneo, que crescia a olhos vistos no burburinho da vida urbana, esses editores usavam a criatividade, não só para lançar títulos curiosos, sugestivos e de leitura fácil, mas também para criar anúncios publicitários chamativos e atraentes.

Pedro da Silva Quaresma, proprietário da Livraria do Povo, foi um deles. Mesmo sendo completamente desconhecido nos dias de hoje, Pedro Quaresma conseguiu manter por décadas seguidas uma fiel freguesia interessada em suas edições a baixos preços. Além de comercializar livros novos e usados, editou títulos e autores de grande sucesso, que ele anunciava nos jornais com grande alarde. Ao longo de quase toda a década de 1880, publicou na *Gazeta de Notícias* extensas listas de livros à disposição dos leitores. Sob a manchete “livros baratíssimos”, escrita em letras garrafais, ele costumava informar “tudo de bom e barato no Treme Terra e terror dos careiros”¹. Em meio a estas relações infundáveis de livros, frases de impacto como “Todos sabem: vivos! mortos! espectros! que só na Livraria do Povo se encontram livros baratíssimos” e “Até os cadáveres se levantam para aproveitar as pechinchas à venda na Livraria do Povo”² eram introduzidas, até mesmo com um certo exagero, para despertar a curiosidade do leitor atento às promoções do momento.

Pedro da Silva Quaresma vendia de tudo. “Lindos e belíssimos romances” nacionais e estrangeiros, histórias infantis, livros didáticos, obras pornográficas, dicionários de línguas, manuais de ajuda prática, compêndios de história, dentre outros. Com o tempo, passou a editar gêneros literários nascentes em nosso país como os “romances de sensação” e os “romances para homens”, que alcançaram enorme popularidade em finais do século XIX.

Ao contrário dos livreiros da Rua do Ouvidor, que procuravam publicar autores e novelas celebradas pela crítica da época, Pedro Quaresma deu preferência aos enredos de escritores ainda desconhecidos do grande público, mas, por sua vez, surpreendentes, arrebatadores, picantes, em resumo, de tirar o fôlego. Nas palavras de um cronista daquele tempo, eram histórias “tremendas”, “cruciantes, como que escritas à ponta de faca e canivete, dispostas a dilacerar, arrancando, em falripas, o coração humano”³.

Pelos anúncios feitos nos jornais, logo se percebia o teor melodramático dos acontecimentos envolvendo intrigas, traições, sequestros, separações, mal-entendidos, amarguras, penúrias e mortes. Ao divulgar o livro de Nuno Lossio, intitulado *Mãe e Martir, ou martírios de uma esposa*, escrevia Quaresma no catálogo de sua livraria: “o mais extraordinário romance que se tem publicado em língua portuguesa, de cenas pavorosas, dra-

¹ *Gazeta de Notícias*, 12-3-1883.

² *Gazeta de Notícias*, 4-9-1882.

³ Edmundo, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, vol. II, p. 739.

mas pungentes, lágrimas e desesperos, desonras e infâmias! Enfim, todas as desgraças humanas estão compendiadas neste monumental romance”.

Quaresma, sendo um editor de seu tempo, escolhia as narrativas capazes de prender a atenção do leitor. Para isso, como diria o escritor Adolfo Caminha em seu livro *Cartas literárias* (1895), preferia “ao estilo, à arte, um bom enredo, uma história de sangue cheia de mistérios, comovente, arrebatadora!”. Pois, era disso que o povo gostava⁴.

Romances de sensação: narrativas de fortes emoções

Na segunda metade do século XIX, a palavra “sensação” costumava anunciar eventos surpreendentes, fatos inesperados e sentimentos bastante vívidos. Nos jornais da época, notícias de crimes misteriosos, fenômenos imprevisíveis e acidentes de última hora vinham acompanhados por essa expressão que logo chamava a atenção, em especial a daqueles que ansiavam por fatos que pudessem quebrar a tediosa rotina da vida diária.

Na arena literária, uma narrativa de sensação prometia causar no leitor emoções de grande intensidade. Não por acaso, Machado de Assis, em *Dom Casmurro* (1899), dava o nome de “Sensações alheias” ao capítulo em que Bentinho falava de Capitu para uma velha prima, que, habilidosamente, o estimulava a continuar a narrativa. Enquanto o jovem enamorado exprimia-se, sua prima mergulhava em um mundo que não lhe pertencia, mas que de algum modo recebia cores mais vivas. “Só então senti”, dizia Bentinho, “que os olhos de prima Justina, quando eu falava, pareciam apalpar-me, ouvir-me, cheirar-me, gostar-me, fazer o ofício de todos os sentidos”. “Creio que prima Justina achou no espetáculo das sensações alheias uma ressurreição vaga das próprias”, afinal, completava Bentinho, “também se goza por influência dos lábios que narram”⁵.

Diante dessa crença, os editores escolhiam a dedo as narrativas de sensação publicadas em fins do século XIX. Histórias de meninas que perdiam a virgindade antes do casamento, jovens raptadas por homens cruéis, filhos abandonados pelos pais, viagens de última hora, reencontros inusitados e até mesmo aparições de fantasmas que vinham cobrar dos vivos promessas quebradas ou mesmo esquecidas. Por meio de uma escrita direta, vertiginosa e de fácil leitura, esperava-se que os leitores ficassem presos às reviravoltas desses enredos, tornando-se dessa maneira consumidores cativos desse tipo de narrativa.

Numa época em que os editores costumavam publicar somente 1000 exemplares de uma obra, temendo que seus exemplares encalhassem nas estantes das livrarias, os

⁴ Caminha, Adolfo. *Cartas literárias*. Rio de Janeiro: s/e, 1895, p. 150.

⁵ Machado de Assis, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1899, p. 68.

romances de sensação, de modo singular, conseguiam um destino mais promissor. Em muitos casos, um mesmo título vendia alguns “milheiros” ganhando, assim, novas edições. Tudo iria depender da criatividade do autor em conduzir a imaginação do leitor por emoções relacionadas aos seus anseios e dilemas cotidianos, ora rompendo, ora reforçando os firmes laços e costumes sociais daquela época.

Alguns romances de sensação, como *Mãe e Mártir*, *Fruto de um Crime*, *Casamento e Mortalha*, e *Maria, a Desgraçada*, venderam milhares de exemplares em poucos anos, outros de modo mais surpreendente, além de continuarem por longa data à disposição dos leitores, permaneceram no imaginário social, recebendo novas formas de divulgação, versões e melodias, como foi, por exemplo, o caso da trágica história de Elzira, uma jovem do bairro de Botafogo, que preferiu morrer imaculada a casar com o homem que não amava.

Elzira, a Morta Virgem, escrita por Pedro Ribeiro Vianna, foi publicada pela primeira vez, em 1883, com o selo da Livraria Serafim José Alves, e poucos anos depois pela Livraria do Povo, de Pedro Quaresma. Essa breve história, que descreveu em pormenor as amarguras amorosas de Elzira e a incompreensão de seus pais, vendeu dezenas de milhares de exemplares e foi reeditada, pelo menos até a década de 1920, por diferentes livrarias em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No livro de Pedro Vianna, Elzira havia conhecido Amâncio, um jovem mulato, estudante de direito, em um folguedo de São João, no ano de 1874. Imediatamente, os jovens apaixonaram-se um pelo outro e declararam amor recíproco e “indissolúvel”. Imersos nas primeiras sensações da paixão, trocaram olhares, cartas, visitas e promessas. No entanto, o pedido de casamento feito por Amâncio desencadeou na casa de Elzira uma sucessão interminável de brigas e discórdias, visto que sua mãe, D. Cândida, preferia que a filha se casasse com um homem mais rico e de família próspera.

Entregue a um sofrimento sem fim, Elzira não demorou a cair doente. A jovem, que tinha diante de si tudo para desfrutar de uma relação amorosa duradoura e verdadeira, repetia à sua mãe: “Prefiro morrer, porém amando sempre aquele que escolhi e que me ama também”⁶. A jovem, que pouco comia e dormia, entre “golfadas de sangue” definhava a olhos vistos. Quando os pais finalmente decidiram acatar a decisão de Elzira, já era tarde. Apaixonada, e ainda imaculada, a jovem morreu nos braços de Amâncio.

Como poucas meninas de seu tempo, Elzira teve a coragem de contrariar seus pais. Apesar desse pequeno drama reafirmar, em diversos momentos da narrativa, os valores do casamento, da virgindade e da família, seu ápice ocorria no exato momento em que todos esses preceitos perdiam sua estabilidade e solidez. Quero dizer, era justamente no instante em que a ordem social existente exibía suas brechas e fragilidades que esse

⁶ Vianna, Pedro Ribeiro. *Elzira, a Morta Virgem*. Rio de Janeiro: Quaresma & Editores, 1913.

enredo se tornava “sensacional”, explorando ao máximo as angústias e ousadias vividas pelas personagens.

A história de Elzira tocou profundamente a imaginação de inúmeros leitores. A pureza de sua alma, a superioridade de seus sentimentos, a incompreensão de seus pais, a firme decisão de casar unicamente com a pessoa que amava certamente dialogou com os principais dilemas, conflitos e insatisfações da vida carioca daquele período, mas também parece ter feito sentido para uma parcela bem maior da sociedade brasileira.

Depois de circular como romance pelas ruas do Rio de Janeiro, *Elzira, a Morta Virgem* ganhou a voz de repentistas de cordel do nordeste brasileiro, recebendo, com isso, novos formatos e versões. Em 1950, por exemplo, João Martins de Athayde publicou, em Juazeiro, *Elzira, a Morta Virgem*, em dois volumes, cujo enredo havia sido, segundo ele, “extraído do legítimo romance do mesmo nome”. Diz o repentista, logo na primeira página:

No ano setenta e quatro
Uma noite de São João
Na praia de Botafogo
Em uma reunião
Deu-se uma cena de amor
Que fez chamar atenção⁷

E adiante:

Seguirei o teu caminho
farei a tua vontade,
Amâncio disse: sou pobre
Só tenho adversidade
Elzira então retorquiu
Deus nos dará felicidade

Amâncio, sofrerei tudo
estando sempre a teu lado
não caso por interesse
o meu amor é sagrado
o rapaz beijou-lhe a mão
e disse: muito obrigado.⁸

Já no cordel de Antonio Teodoro dos Santos, o romance de Pedro Vianna ganhava palavras que aproximavam esse enredo da realidade do sertão. Contava o autor, no início de sua obra:

⁷ Athayde, João Martins. *Elzira, a Morta Virgem*. José Bernardo da Silva: Juazeiro, 1950, p. 1.

⁸ Idem, p. 17.

Este livro é um exemplo
A todo pai de família
Traz a notícia da mãe
Que assassinou sua filha
Era a moça mais formosa
Tinha na face de rosa
Perfumes de baunilha

Quem ama, lendo este livro
Sofrerá forte vertigem
Não é história inventada
Teve ela a sua origem
Senhores e senhorinhas
Aqui trato nestas linhas
De Elzira, a morta virgem

Foi no Rio de Janeiro
No fim do século passado (...).⁹

No final da narrativa de Antonio Teodoro dos Santos, Amâncio, já milionário, resolve deixar o Rio de Janeiro para viver na Europa. E apesar do cenário cosmopolita surgir como pano de fundo da história de Elzira, nas últimas linhas desse cordel completava o autor: “naqueles tempos antigos/ Dos coronéis cangaceiros”, os pais que proibiam as filhas de um casamento verdadeiro possuíam “juízos traiçoeiros”¹⁰. Além destes, outros cordéis como o de Firmino Teixeira do Amaral também retrataram a triste vida de Elzira.

Nos dias de hoje, ao lado do romance e das suas versões em cordel, uma breve menção sobre a saga de Elzira chega aos nossos ouvidos através da nossa música popular. Em 1968, Caetano Veloso e Torquato Neto lançavam a canção “Mamãe coragem”. Na letra, o filho, que deixa a mãe em busca de uma nova vida em outra cidade, para consolá-la fala do “beijo preso na garganta” e recomenda como distração os afazeres domésticos bem como a leitura de dois romances. Diz ele à mãe: “pegue uns panos pra lavar/ leia um romance/ Leia a Elzira morta virgem/ O grande industrial”.¹¹ Décadas depois, o livro de Pedro Vianna continua a evocar os conflitos familiares e sociais, mas agora os filhos já não precisam chamar a morte para reivindicar suas escolhas. Na expectativa de uma vida

⁹ Santos, Antonio Teodoro dos. *Elzira, a Morta Virgem*. São Paulo: Prelúdio, s/d, p. 3.

¹⁰ Idem, p. 31.

¹¹ *O Grande Industrial* é um romance de Georges Ohnet. Foi traduzido e publicado no Rio de Janeiro pela editora Garnier, em 1885.

melhor, partem e de longe entoam: “mamãe, mamãe não chore/ eu quero/ eu posso/ eu quis/ eu fiz/ mamãe seja feliz”.

Evidentemente, nem todos os enredos de sensação de finais do século XIX alcançaram a repercussão de *Elzira, a Morta Virgem*. Mesmo assim, essas narrativas, já tão distantes de nós, fizeram parte da nossa história literária elucidando conflitos, encontros e personagens que dialogaram de perto com as expectativas, frustrações, esperanças e receios de inúmeros homens e mulheres daquele tempo. Nesse sentido, a procura dos leitores por esse tipo de literatura e os milhares de exemplares vendidos acabaram por contribuir, de forma decisiva, para a desenvolvimento do mercado editorial em nosso país.

Romances para homens: pornografia e crítica social

Além dos romances de sensação, os chamados romances para homens alcançaram uma popularidade bastante singular no universo da literatura popular do século XIX. Essas publicações que revelavam, ao longo de suas páginas, uma sucessão interminável de relacionamentos proibidos, prazeres sem fim e desejos consumados, como o próprio termo sugere, deveriam ser proibidos às mulheres, vistas naquela época como pessoas de personalidade frágil, por isso, suscetíveis aos encantos da narrativa.

Entregues a essas histórias, as leitoras corriam o sério risco de deixarem de lado as convenções sociais para sair em busca de emoções e afetividades distantes de sua realidade. Os homens, de modo diferente, por serem capazes de discernir o mundo da ficção do cotidiano das regras e dos bons costumes, podiam, na opinião dos médicos e juristas da época, ter acesso irrestrito a essas leituras.

Não foram poucos os homens de ciência que alertaram aos pais e maridos sobre os perigos das leituras pornográficas na imaginação feminina. O que não fariam “as mulheres de cérebro fraco entregando-se desordenadamente à leitura de romances de um erotismo perfumado e traiçoeiro?”, perguntava Gilberto Sabóia, um eminente advogado da época¹². Já Viveiros de Castro, conhecido professor de direito criminal, em *Atentados ao Pudor*, defendia um argumento semelhante. Na sua perspectiva, essas obras despertavam nas mulheres “curiosidades terríveis”. Para exemplificar seu pensamento, dizia “duas amigas se encontram, falam do romance que ambas leram, experimentam ao vivo a sensação que o escritor tão ardentemente escreveu, gostam do ensaio, transmitem adiante a descoberta”, iniciando outras em segredo¹³.

¹² Sabóia, Gilberto Ribeiro de. *O Lenocínio*. Rio de Janeiro: Carlos Schmidt, 1896, p. 20.

¹³ Castro, F. J. Viveiros de. *Atentados ao Pudor: Estudos sobre as Aberrações do Instinto Sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895, p. 238.

Os enredos dos “romances para homens” exploravam diferentes temas e gostos. Na via política, não foram poucos os governadores, reis e representantes da vida pública que esqueciam suas responsabilidades sociais para darem ensejo a uma sequência ininterrupta de encontros secretos e ardentes deleites. Ao menos era isso que os autores de *Cartas Pornográficas de D. Pedro I*, *Carta de Napoleão à sua Querida* e *Os amores Secretos de Pio IX ou os Escândalos Praticados atrás dos Reposteiros do Vaticano* procuravam transmitir aos leitores.

Padres e freiras surgiam, nesses enredos de cunho pornográfico, na figura de exímios sedutores e donos de uma sexualidade insaciável, anulando, assim, qualquer ideia de serenidade, meditação e fé existentes no interior dos conventos e mosteiros. Em meio a uma crítica feroz, esses livros, que tanto evidenciavam a hipocrisia do ambiente religioso, descreviam um farto cotidiano erótico, como podemos ver ao ler os seguintes títulos anunciados nos jornais daquele período: *Suspiros de um Padre ou a Crioula de Baixo da Cama*, *A mulher e o Padre*, *Grande Exercício em um Convento*, *Afrodísíaco Indispensável*, *A Martinhada*, *Serões do Convento*, *Memórias de Frei Saturnino*, *João e Francisco os Frades e as Freiras num Convento*, *Frei João da Boa Hora*, *Padre Soriano*, e *O Padre Antonio*.

Nesse variado rol de “livros para homens”, algumas edições procuravam explicitar seu conteúdo “picante” através de títulos provocativos que dispensavam quaisquer explicações. Entre elas estavam, por exemplo, as *Volúpias*, *Luxuriosas*, *Sensuais*, *Afrodísíacas*, *Gotas de Amor*, *Lúbricas*, *Remédio para Impotentes*, *Remédio para Matar Paixões*, *Phallo*, *Ele e Ela Escondidos no Quintal*, *Os Prazeres do Vício*, *Camarões Elétricos*, *Mexilhões Incendiários*, *Pinturas a Fresco ou Quadros Cambiantes e Vivos!*, *Rédea Solta*, *Um Favo de Gozo*, *Dorme?*, *Sensualidade e Amor*, *A Morgadinha das Delícias*, *Contos Nervosos que Produzem Calafrios na Espinha Dorsal*, *Gritos da Carne*, *A Borda*, *Sensações Fortes*, *Os Capoeiras*, *Historia Secreta de Todas as Orgias*, *Excessos de Libertinagem etc.*, e *Amante Interino*, *Deslumbrante Cena Acontecida no Jardim, na Sala, na Alcova e Finalmente na Cozinha*, *Deslumbrante Patuscada*, *Ensaio e Modelos Vivos*.

Mas, era, enfim, a temática da mulher, fosse ela adúltera, virgem, devassa, ou pertencente às elegantes rodas da prostituição, que compunha a grande maioria desses exemplares à venda. Em geral, compunham narrativas em primeira pessoa, que descreviam todos os detalhes das mais diversas aventuras amorosas de *Clarita*, *Beatriz*, *Alva*, *Branca*, *Clara*, *Miss Mary*, *Eva*, *Carmem*, *Judith*, *Isaura*, *Suzana*, *Gabriela ou uma Cortesã dos Tempos Coloniais*, *Celestina ou a Adúltera na Noite do Casamento* e *Júlia de Milo*, *Perfil de uma Mulher Desonesta*, dentre tantas outras personagens femininas que permearam o imaginário, sobretudo, masculino, de finais do século XIX.

Evidentemente, esses romances apresentavam estilos narrativos diferenciados. Enquanto alguns abusavam das descrições explícitas, outros apenas ofereciam aos leitores beijos velados e falas de suspiro. Mesmo assim, por romperem com os padrões esperados

de boa conduta, recebiam igualmente, nas listas de anúncios dos jornais, o rótulo de “romances para homens”.

Examinando os títulos anunciados naquele período, pode-se perceber que algumas histórias ganharam a predileção dos leitores permanecendo por décadas seguidas nas estantes das livrarias. Entre elas, encontramos algumas obras pornográficas clássicas do iluminismo francês, como *Teresa Filósofa* e *Miss Fanny*, que, além de circularem por um longo período de tempo, serviram também de inspiração para muitas outras histórias criadas por escritores portugueses e brasileiros. Via de regra, esses enredos tinham um argumento central bastante semelhante: mulheres que descreviam em pormenor suas intimidades amorosas, estratégias de sedução e prazeres satisfeitos. De uma forma ou de outra, o universo feminino, que recebia no dia-a-dia das obrigações sociais tantos olhares de vigia, no discurso ficcional movimentava-se livremente, enganando sem muito esforço todos aqueles que impunham a ele regras, restrições e o temor das consequências futuras.

Libertinagem do além-mar

Como se sabe, *Teresa Filósofa* foi publicada pela primeira vez em 1748 e fez parte de uma vasta onda de ficção erótica impressa e reimpressa na derrocada do Antigo Regime francês. Assim como vários outros títulos desse período, a vida de Teresa desafiou preceitos religiosos e morais, misturando, como diria o historiador Robert Darnton, sexo e filosofia, cópula e metafísica, libertinagem e livre-pensamento¹⁴.

O texto anônimo de *Teresa Filósofa*, mais tarde atribuído ao marquês d’Argens, rememorava, na voz da própria personagem, a trajetória de sua iniciação sexual. Na primeira parte do livro, Teresa descobria o sexo, observando as seduções praticadas pelo padre Dirrag com uma de suas devotas, Mademoiselle Eradice. Nas páginas seguintes, a jovem entraria em contato com o pensamento filosófico em conversas com Mme C. e do abade T.. Depois, conheceria a existência das perversões amorosas, acompanhando as descrições da prostituta aposentada Mme Bois-Laurier. Para, enfim, ver o florescimento de sua sexualidade ao se tornar amante de um conde.

Na história, Teresa instruiu-se a princípio sobre os perigos da gravidez, que muitas vezes levou à morte mulheres em trabalho de parto, e tomou consciência da importância de sua virgindade para a conquista de um bom casamento. Temerosa, a jovem aprendiz resolveu então entregar-se aos prazeres da masturbação. Observando às escondidas o abade T. em seus encontros com viúva Mme C., entre outras cenas e descrições que a

¹⁴ Darnton, Robert. *Os Best-Sellers Proibidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

excitavam, Thereza aprimorou suas técnicas e ampliou seus conhecimentos para chegar sozinha ao orgasmo. Somente ao final do livro, inebriada com as leituras pornográficas que havia feito, perdia seu medo à penetração e convidava seu amante a “triunfar” sobre seu corpo: “Ah, caro amante! Não resisto mais! Aparece, Conde, não temo absolutamente o teu dardo, podes perfurar a tua amante, podes mesmo escolher onde quiserás meter, tanto faz, suportarei as tuas metidas com confiança, sem murmurar. E para assegurar o teu triunfo, olha! Aqui está o meu dedo colocado!”¹⁵. Ele, nutrido de experiência e auto-controle, realizava o coito interrompido, inaugurando entre eles uma vida de prazeres sem preocupações e filhos.

Sendo um romance provocador e ousado, *Teresa Filósofa* cumpria à risca seus intentos, explicitando as diversas atividades sexuais e convidando o leitor a seguir, sem receio, o caminho que o levaria à consumação de seus anseios sexuais. Os corpos, isentos de inquietações sentimentais e ideais românticos, ambicionavam unicamente o encontro com o prazer e o gozo, ressaltando através deles a vitória triunfante da liberdade individual distante da rigidez das normas e regras sociais.

No romance, Teresa representava um duplo perigo. Pois, além de seguir livremente seus impulsos e curiosidades sexuais, tornava-se também, ao longo da história, uma livre-pensadora. Uma mulher independente, com escolhas próprias, que pouco a pouco libertava-se dos pesados encargos sociais.

A voz feminina de Teresa atravessou fronteiras terrestres e marítimas. Os leitores brasileiros de Oitocentos, distantes da atmosfera filosófica, social e política que fomentou sua produção, demonstraram vivo interesse por sua narrativa, que recebeu aqui várias traduções e ilustrações. O comportamento dessa personagem e a tônica de seus relacionamentos eróticos fascinaram os nossos consumidores que não tinham dificuldades em achar alguma versão de sua história nas estantes das livrarias cariocas. Assim como *Teresa Filósofa*, outras mulheres criadas no âmbito da ficção e vindas de países e tempos longínquos marcaram presença nas nossas “leituras só para homens”. Entre elas, as famosas aventuras de *Fanny Hill*, escritas por John Cleland, originalmente na Inglaterra, também no ano de 1748.

Fanny Hill ou *Memoirs of a Women of Pleasure* ancorou no Brasil como o *Vôo da Inocência ao Auge da Prostituição ou Memórias de Miss Fanny* e foi largamente anunciada pela imprensa carioca até o início do século XX. *Miss Fanny* era uma garota pobre, nascida nos arredores de Liverpool. Seus pais teriam morrido vítimas de varíola, deixando-a aos quinze anos entregue à sua própria sorte. Com escassos recursos, a jovem protagonista decidia tentar a vida em Londres, onde, em pouco tempo, cairia sem saber nas mãos de uma

¹⁵ Por não ter encontrado a edição comercializada no final do século XIX no Brasil, uso como referência um exemplar de *Teresa Filósofa*, L&PM, Porto Alegre, 1991. Citação retirada das páginas 153-4.

cafetina. Em seu novo lar, Fanny descobriria, de modo gradual, os motivos de sua contratação e, ao longo desse processo, os mistérios de sua sexualidade.

Fanny passou por várias etapas até virar uma prostituta. Colheu ao lado de Phoebe, encarregada pela cafetina de avaliar, sob os lençóis, os dotes da recém-chegada, as primeiras centelhas do amor físico. Em seguida, observando às escondidas, conheceu os deleites experimentados entre homens e mulheres, e as possibilidades de conseguir sozinho a satisfação de seus desejos. E, enfim, frustrando os planos de sua patroa, que pretendia vender sua virgindade, Fanny apaixonou-se por Charles, um adolescente de poucas posses, que logo a fez sua amante. Durante onze meses o casal desfrutou de um verdadeiro idílio amoroso. As cenas na alcova descritas pela perspectiva de Fanny não poupavam qualquer detalhe. A fisionomia de Charles, as partes avantajadas de seu corpo, seus gestos, sua performance sexual apareciam ao leitor sem meias palavras.

Porém, uma malfadada separação abateu-se sobre os jovens apaixonados. Ludibriado pelo pai, Charles fora obrigado a embarcar num navio que o levaria para longe de Fanny. Em pleno desalento, a jovem foi obrigada a buscar meios que garantissem sua sobrevivência. Sem hesitar, amancebou-se com um rico cavalheiro, que em pouco tempo a expulsou de casa ao presenciar sua traição com um de seus empregados. Outra vez, Fanny viu-se entregue ao abandono. Diante da fragilidade de sua situação, resolveu aceitar a proteção de uma cafetina de luxo, que poria fim aos seus dias de libertina particular para transformá-la numa verdadeira mulher pública.

Assim, tinha início a segunda parte do livro: Fanny em suas intermináveis aventuras no prostíbulo. Não foram poucos, como na primeira parte da narrativa, os “beijos”, “abraços”, “doces sussurros”, dados à jovem. Nem mesmo os “violentos” e “desenfreados” jogos amorosos que a lançavam em um “profundo desvario”, no qual ela, juntamente com seus amantes, desfrutavam de um “oceano de prazer indescritível”¹⁶. Homens de todos os tipos viveram com Fanny momentos de satisfação. Desde os que acreditaram na perda fingida de sua virgindade, várias vezes encenada, até aqueles que com custo conseguiram uma ligeira ereção compartilharam com ela o gozo do amor carnal. Para concluir seu depoimento, um final feliz. Fanny ganhava uma inesperada herança, deixada por um cliente, e reencontrava seu primeiro e único amor, Charles, com quem esperava dividir o resto de seus dias.

Tanto *Miss Fanny* quanto *Teresa Filósofa*, apesar das dificuldades apresentadas pela vida, terminavam suas narrativas bem-sucedidas em suas buscas e conquistas. Apesar de terem rompido com as expectativas sociais conferidas ao universo feminino, essas mulheres não sofreram as consequências da miséria e da exclusão social. Pelo contrário, nas

¹⁶ Por não ter encontrado a edição comercializada no final do século XIX no Brasil, uso como referência um exemplar de *Fanny Hill*, traduzida em Portugal, pela Publicações Europa-América, 1995, p. 130.

páginas finais alcançavam algo bastante singular: os bons frutos da liberdade individual e de uma sexualidade plenamente feliz.

De forma visível, essas histórias nascidas no contexto europeu, que traziam em seu âmago uma forte crítica às instituições religiosas, políticas e sociais de finais do século XVII, tão caras aos escritores e filósofos humanistas do Antigo Regime, pareciam se ajustar perfeitamente às estreitas regras sociais vividas por muitos brasileiros em fins do século XIX.

Porém, a partir do momento que o mercado editorial carioca começava a lançar a público “romances para homens” inéditos, criados por escritores portugueses e brasileiros em evidência nos jornais e nos círculos letrados das últimas duas décadas do século XIX, uma nova tônica tornou-se evidente. As personagens, que antes gozavam de grande liberdade, agora deveriam conter a intensidade dos seus prazeres, já que os intelectuais e homens de ciência passavam a alertar, em seus estudos e tratados acadêmicos, sobre os perigos físicos e sociais de uma sexualidade desenfreada e sem limites.

O erotismo local

Em 1897, a Livraria Cruz Coutinho, localizada na rua de S. José n. 74, anunciava o romance português *Amar, Gozar, Morrer*, acompanhado de algumas estampas, a 3 mil réis. Esse enredo visivelmente inspirado nas narrativas pornográficas do Antigo Regime francês não apenas apresentava cenário e personagens mais próximos à cultura luso-tropical como também oferecia espaço às questões que andavam nas bocas e nas mentes de vários homens de letras no Brasil.

Amar, Gozar e Mmorrer contava as memórias de Amélia, uma jovem adotada por uma rica viúva, a condessa de ***, que havia lhe proporcionado uma fina educação. No entanto, Amélia, que aos quatorze anos lera um romance pornográfico esquecido pela mãe adotiva em um banco de jardim, decidia ficar solteira para, deste modo, gozar de toda a liberdade de seus atos.

Convicta de sua escolha, Amélia, que havia aprendido nas páginas daquele romance que duas mulheres poderiam “dispensar uma infinidade de prazeres sem o concurso de qualquer homem”, começava a empregar suas habilidades com o objetivo de despertar semelhantes desejos na bela condessa. Auxiliada pela imaginação, beijava sua mãe e tocava-lhe com ternura o corpo. A fraca resistência, vinda como resposta à sua ousadia, enco-rajava Amélia que em breve escutava:

— Não, minha filha....basta.....ah!.....depressa.....assim.....assim!.....

oh!.....ceus....eu.....mor.....ro!!.....17

Amélia tornava-se assim amante de sua mãe adotiva. O êxtase sentido entre as duas, nos momentos em que compartilhavam o leito, era antecipado ao leitor pelos títulos sugestivos dos capítulos — “O que faziam duas mulheres novas e belas em uma noite de primavera”, “Fatigadas mas não exaustas” “Onde se prometem novos prazeres” e “Onde a voluptuosidade atinge o máximo desenvolvimento” —, e detalhado pelas diversas descrições minuciosas que pareciam nada esconder.

No entanto, entregue a esses regalos, a condessa, que há tempos abandonara os vívidos anos da juventude, contando com 25 primaveras, perdia suas forças, “consequência fatal de abusos sensuais”. Próxima do gélido “sopro da morte”, tinha as “faces encoçadas”, o “olhar torvo e sem brilho”, o “peito mirrado”, os “braços descarnados” e os “cabelos brancos”. Para evitar que a filha também fosse acometida pelo mesmo mal, aconselhava a condessa: “Os combates do Amor foram criados para indivíduos de sexo contrário. Esses cansam, fatigam, mas não matam; desconhecidos para ti, não lhe calculas as vantagens; posso no entanto afiançar-te que esse prazer é mais prolongado, mais duradouro e mais grato ao coração.” “Foge das mulheres, minha filha”, continuava ela, “foge, tens em mim um terrível exemplo, sofro muito... muito...”.

Os sintomas vividos pela condessa assemelhavam-se aos inúmeros exemplos citados pelos médicos e juristas de finais do século XIX, em seus tratados e teses científicas, sempre empenhados em informar os males decorrentes de uma sexualidade doentia, desviante e invertida. Apesar das aproximações entre as falas médicas e o texto pornográfico parecerem um tanto quanto contraditórias — afinal, identificamos a literatura obsce-na como sendo o lugar por excelência da transgressão e de uma liberdade sexual desmedida —, elas nos indicam o encontro do discurso intelectual da elite letrada com a literatura popular, além de sinalizar que, ao ganhar cores locais, os “romances para homens”, vendidos e publicados no Brasil, recebiam características próprias. Ou seja, o corpo e sua libido poderiam até mesmo romper os limites de uma sexualidade bem-comportada, no entanto, os excessos das práticas eróticas, de forma inevitável, levariam os personagens a colherem os frutos de suas ações, experimentando um intenso sofrimento e uma morte precoce.

Esse roteiro tornou-se bastante presente na larga produção brasileira de romances naturalistas. Os escritores dessa escola literária, preocupados em revelar tipos psicológicos autênticos, fatos escandalosos e comportamentos considerados desviantes pela medicina da época, deram especial atenção aos encontros eróticos, às descrições detalhadas do corpo feminino e às cópulas que problematizavam as “fraquezas e as tentações da carne”.

¹⁷ *Amar, Gozar e Morrer*. Original de ***, Tipografia Pudicícia, s.d., p. 21.

A crítica nem sempre aceitou de bom grado os “abusos literários” cometidos, e, em nome das “belas-letras”, ignorou as defesas feitas pelos próprios escritores, relegando muitas dessas obras ao rol de livros pornográficos. Os leitores, por sua vez, atentos às polêmicas de última hora, consumiam de modo frenético os títulos escandalosos anunciados na imprensa diária, quase sempre seguidos de frases de efeito como: “leitura escaldante!”, “romance de fogo”, “à maneira de Zola”, o fundador da escola naturalista francesa.

Na esteira dos grandes sucessos vieram, por exemplo, *O Homem Gasto* (1885), de M.L., *O Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro, *A Mulata* (1896), de Carlos Malheiro Dias e *O Aborto* (1893), do ainda jovem escritor Figueiredo Pimentel. Várias dessas obras venderam em algumas poucas semanas milhares de exemplares, um fato surpreendente em um período em que os editores costumavam publicar apenas 1.000 exemplares de um título. Nas colunas da grande imprensa a polêmica suscitada pelas cenas de amor pouco escondidas ajudaram na publicidade desses enredos, que, mesmo esquecidos nos dias de hoje, foram lidos com grande curiosidade pelos leitores daquele período.

O Aborto, que alcançou um êxito de vendas fulminante, foi publicado por Pedro da Silva Quaresma, proprietário da Livraria do Povo, com grande alarde. Em 1893, Quaresma desencadeou nos jornais uma vasta propaganda publicitária para anunciar o lançamento de *O Aborto*, estudo naturalista, escrito pelo jovem e ainda desconhecido jornalista Figueiredo Pimentel, que anos mais tarde ditaria os modismos cariocas em sua prestigiada coluna “Binoculo”, da *Gazeta de Notícias*. Na esperança de criar uma atmosfera misteriosa ao redor do livro, Quaresma divulgou nos periódicos da capital federal, durante os meses de fevereiro e março, uma pequena nota que dizia apenas: “Aparecerá brevemente. O ABORTO. Romance naturalista, por Figueiredo Pimentel”¹⁸. No dia 23 de março, as poucas palavras do empresário eram, enfim, substituídas pela breve explicação: “Escrito sem rebuços de linguagem, consoante à maneira de Zola, Bonneclain e outros do naturalismo, *O Aborto* promete um grande sucesso de livraria, tendo todos os elementos para agradar ao público amante do gênero”¹⁹.

E foi. Duas semanas depois, Quaresma gabava-se de “no curto prazo de 15 dias”, “caso nunca visto !!!”, ter vendido cinco mil exemplares²⁰. Cifras que nas semanas seguintes subiriam para sete mil, como salientava uma outra nota impressa a pedido do editor: “Grande sucesso. O maior da literatura brasileira! Quase 7.000 exemplares vendidos em três meses !!! Acha-se no prelo a 2ª edição”²¹.

¹⁸ *O País*, 3-2-1893.

¹⁹ *O País*, 23-3-1893.

²⁰ *Gazeta de Notícias*, 11-4-1893.

²¹ *O País*, 27-6-1893.

Apesar do suspense feito por Quaresma, a história de Figueiredo Pimentel nada tinha de inédita. Seu enredo havia sido publicado, em formato de folhetim, em 1889, para a *Província do Rio*, um periódico tri-semanal de Niterói, com o título *O Artigo 200*. Escrito por aposta, no curto prazo de dez dias, quando o literato ainda não contava com vinte anos, *O Artigo 200*, assim denominado por referir-se ao *Código Criminal do Império* que proibia o aborto provocado por drogas²², teve de ser interrompido às pressas em função dos protestos feitos pelos leitores. “Ao cabo de meia dúzia de números”, explicava Pimentel, “em vista de reclamações diárias sem conta, devolução de assinaturas, cartas anônimas, etc., a redação julgou bom mudar palavras, suprimir cenas e descrições, e, mais tarde suspender-lhe a publicação”²³. Mas se, na *Província do Rio*, Pimentel foi obrigado a mudar e reduzir o conteúdo criado, na publicação da Quaresma prometia-se a história original numa “edição correta e aumentada”²⁴.

De par com as propostas do naturalismo, *O aborto* iria falar de um tema “escabroso”. Elucidar “com a máxima severidade, um fato escandaloso em nossa sociedade”, adotando, para isso, “linguagem e estilo consoantes às circunstâncias do enredo”²⁵. O romance, explicava o autor na introdução do livro, não era uma fantasia, mas sim um estudo aprofundado de um caso ocorrido em Niterói, onde alguns dos verdadeiros protagonistas ainda viviam. Diante de uma sociedade “burguesa”, repleta de “preconceitos” e “mentiras”, Pimentel ressaltava a necessidade de publicar a história tal como tinha se passado, sem o receio de condenações futuras. “Pouco “importa”, dizia ele, que *O Aborto* “seja pejado de pornográfico, imoral, bandalho”.

O romance era dedicado ao filho de Pimentel, com as palavras “para ler quando chegar a puberdade” e para uma senhora chamada D. Margarida Euphrasia Barreto Cavalcanti de Albuquerque, que, segundo o autor, teria escutado atenta a leitura de cada palavra contida no livro. O enredo longo, recheado de extensas passagens em torno das características das personagens e suas patologias, contava o trágico destino de Maricota, uma menina que seduzia seu primo Mário, engravidava e morria ao ingerir um abortivo produzido por ele. No enredo de Pimentel, ainda existia figura de um velho advogado libertino, que buscava a todo custo possuir Maricota. Porém, a jovem, mais esperta, usurpava, por meio de falsas promessas, toda sua fortuna.

Maricota, “tipo genuíno de mulher brasileira”, cabelos negros, pele morena, meio amulatada, “talvez com uma sexta parte de sangue africano”²⁶, era filha de um medíocre comerciante português. Certo dia, recebia a visita do primo distante, Mário, loiro de olhos

²² *Código Criminal do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typografia de Quirino e Irmão, 1861, pg. 149.

²³ Pimentel, Figueiredo. *O Aborto*. Rio de Janeiro: Quaresma & Comp., 1893, p. 11.

²⁴ Idem, p. 12.

²⁵ “Livros baratissimos”, *Gazeta de Notícias*, 11-4-1893.

²⁶ Pimentel, Figueiredo. *O Aborto*. Rio de Janeiro: Quaresma & Cia., 1893, p. 21.

azuis, com feições de “estrangeiro”, que viera ao Rio de Janeiro estudar farmacologia, indo morar com a família. A partir daí, começaram as estratégias de sedução de Maricota, que culminariam na noite em que ela, como Lenita em *A Carne*, invadia o quarto do primo, entregando-se aos “prazeres da carne” sem quaisquer preocupações futuras.

Ao abdicar da virgindade e do casamento, Maricota, que também não podia contar com a proteção financeira de seu pai, fazia sua opção pela prostituição, que de modo algum a desagradava. Nas suas falas, a adolescente entusiasmava-se com a vida dos prazeres efêmeros, sonhava manipular, confiando na sua astúcia, os homens endinheirados da cidade e transformar-se na mulher pública mais requisitada de seu tempo. A atitude consciente de Maricota em favor da vida devassa fomentou comentários inconformados de jornalistas que consideravam ousadas demais suas ações e pensamentos.

Como poderia uma jovem proveniente de uma família honrada entregar-se com tamanha facilidade, perguntava Magalhães de Azeredo, crítico literário da *Gazeta de Notícias*. “Ela o vem procurar!” escrevia espantado o jornalista. “Diga-me (...) se é concebível tão estranha resolução n’uma jovem solteira, filha de família!”, continuava Azeredo. “A ser casada, eu não faria objeção; mas solteira! Compreende-se que cedesse, muito instada, n’um momento de embriaguez, ao primo — e isso mesmo fôra o caso raro, que embora não lhe refreasse os ímpetos a perspectiva de se perder, ser-lhe-ia, calmamente eficaz o receio de se inutilizar para sempre, de ser abandonada ao desprezo e à miséria!”²⁷. Mas Maricota nada temia.

Além de Magalhães de Azeredo, vários outros homens de letras divulgaram suas críticas sobre *O Aborto* na imprensa. Isto porque, diante de uma repercussão incomum, os próprios jornalistas reconheciam a necessidade de sair do “terreno das letras propriamente ditas para cair”, diziam eles, “no domínio... da pseudo-literatura, industrial e pornográfica!”. Viam-se obrigados a digerir o “alimento grosseiro e empeçonhado” que o público “faminto, corre, em momento tão serio e definitivo da nossa historia” a consumir “edições sobre edições” na esperança de explicar tamanho sucesso²⁸. Magalhães de Azeredo, que escreveu dois artigos sobre o livro de Pimentel, esclarecia sua escolha aos leitores, dizendo: “há dias, de relance veio n’um exemplar do Aborto, com a tinta de impressão ainda fresca: 6º milheiro! Decidi-me então comprá-lo, trazê-lo para casa, no intuito de descobrir que qualidades justificavam êxito tão assombroso n’um livro assombrosamente ruim”²⁹.

Em consenso, todos esses críticos concordavam que *O Aborto* não atingia as expectativas de um estudo realista. Acumulava somente cenas “escabrosas” que nada esclai-

²⁷ *Gazeta de Notícias*, 3-7-1893.

²⁸ *Gazeta de Notícias*, 19-6-1893.

²⁹ *Gazeta de Notícias*, 19-6-1893.

reciam ou iluminavam sobre o temperamento das personagens, podendo, sim, juntar-se aos livros eróticos do calibre das *Volúpias*, de Rabelais, das *Malaguetas* e dos *Camarões Apimentados*, dentre outras tantas “leituras clandestinas”³⁰.

Esses artigos, nas colunas literárias mais prestigiadas da imprensa carioca, que tão raro cediam espaço aos livros populares e de escândalo, esclarecem a maneira pela qual *O Aborto* havia sido recebido pelos círculos letrados. Nesses textos notava-se a preocupação de diferenciar a obra de Pimentel dos preceitos do naturalismo, qualificando-a, em comum acordo, de pornográfica e imprópria às mulheres. Mas se a elite pensante do Rio de Janeiro assim recebia *O Aborto*, como o leitor comum o teria lido? Quais partes do livro ter-lhe-iam chamado mais a atenção? Quais páginas teriam sido eleitas por ele como imorais?

Essas questões, que na grande maioria dos casos permanecem sem respostas, já que aquele que lê em raras situações deixa expresso no próprio texto suas impressões, podem ser, ao menos sob uma perspectiva, discutidas na obra de Figueiredo Pimentel. A comparação entre uma edição de *O Aborto* com algumas páginas arrancadas, pertencente ao acervo da Biblioteca Nacional, e uma outra sem qualquer arranhão, nos ajuda a identificar o que um desconhecido leitor do século XIX julgou ser proibido aos olhos de outra pessoa³¹. Pode-se levar em consideração que a má conservação ou mesmo o tempo teriam se encarregado de dar cabo dessas folhas perdidas, entretanto, não parece coincidência que as partes desaparecidas sejam justamente aquelas referentes à personalidade de Maricota, ao seu encontro com Mário, à sua decisão de prostituir-se e ao ato do aborto.

Todas as páginas do capítulo quinto que começam a narrar os encontros eróticos entre esses dois jovens foram arrancadas. Nos encontros casuais pela casa, os jovens haviam trocado olhares demorados, roçado os joelhos, sentido o “cheiro acre da carne”. Mas foi na madrugada em que Maricota entrou, pé ante pé, no quarto de Mário, que tudo aconteceu. Pela narrativa de Pimentel, ela sentou-se junto ao leito de Mário, que fingia dormir temendo não se conter e partir num ímpeto brutal, selvagem a “despedaçar-lhe a camisa, e gozá-la nos espasmos do prazer delirante”. Até que Maricota inclinou-se sobre o primo “fazendo saltar os seios rijos, turgentes, pela gola larga da camisa”. Daí, Mário “não pode mais”, como relatou o autor:

Um tremor convulso abalou-lhe o corpo inteiro, arrepiando-o todo, com um *frisson* de febre, lambendo-lhe finamente a epiderme, numa carícia áspera e suave, de dor e prazer, ao longo da espinha

³⁰ *Gazeta de Notícias*, 19-6-1893 e *Jornal do Brasil*, 19-4-1893.

³¹ Gostaria de agradecer ao colecionador Décio Murilo Drummond por me ceder a edição do 7.º milheiro de *O Aborto*. Sem esse exemplar, seria impossível reconstituir as partes perdidas da primeira edição existente no acervo da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

dorsal. Sentiu assim como si alguém lhe houvesse, com férrea manopla, dado um grande murro sobre o crânio. Ouvia um ruído subterrâneo, prolongado. Zuniam-lhe os ouvidos. Os olhos viam pequeninas fagulhas, chispando rubras em fundo trevo. Em nada pensou. Desvairado, alucinado, louco, agarrou-a pela cintura, arremessou-a brutalmente sobre a cama, forçou-lhe as pernas resistentes, separando-as, e, deitado por cima, beijando-a, mordendo-a, enterrando-lhe a língua na bocca até quase a garganta, abraçando-a com frenesi, num longo e estreitado aperto, gozou-a uma vez.... duas vezes... três vezes...³².

Pouco tempo depois, Maricota ficava grávida e, ao tomar um abortivo feito pelo primo, sofria uma forte hemorragia interna, pondo fim à sua vida “deitada numa poça de sangue” com as pernas “arreganhadas”, “pálida, muito pálida”.

Com *O Aborto* Figueiredo Pimentel saiu da obscuridade. Ganhou cargo de redator no jornal *O País* e publicou outros romances. Entre eles, *Suicida!* (1895), *Um Canalha* (1895) e *O Terror dos Maridos* (1896). Dirigiu a coleção de histórias infantis da Livraria do Povo, que atingiria a marca de dezenas de milhares de exemplares vendidos. Mas sua máxima consagração veio em 1907, quando fundou na *Gazeta de Notícias* “a seção mais lida e mais popular da imprensa carioca”³³ chamada “Binóculo”. Nela ditou os modismos do Rio de Janeiro. Como poucos, Figueiredo Pimentel soube nadar a favor da maré. Escreveu tudo aquilo que poderia lhe render fama, chegando até mesmo, segundo as lendas, a simular uma morte proposital para promover um de seus romances: *Suicida!*³⁴. A repercussão de *O Aborto* também foi favorável ao editor Pedro da Silva Quaresma, da Livraria do Povo, que nos anos seguintes procurou com grande interesse novos escritores e enredos que pudessem provocar junto ao público e à crítica semelhante alvoroço.

Quer dizer, os “romances para homens” escritos no Brasil, que tanto haviam se inspirado na literatura libertina do Antigo Regime, recebiam no contexto local algumas especificidades. Atentos aos paradigmas científicos da escola naturalista, as mulheres, que antes desfrutavam de uma bem-vinda liberdade, tinham nesse momento que conviver com os limites estipulados pela ciência. O amor físico em excesso, além de informar uma disfunção biológica grave, condenava as personagens à doença e a uma vida de misérias.

Mas, de uma forma ou de outra, essas narrativas tiveram uma ampla circulação e disseminação entre os diferentes grupos de leitores no Brasil daquele período. Tendo em vista que o mercado editorial do Rio de Janeiro costumava enviar pelo correio encomendas para todo o país, podemos afirmar que o que se produzia no burburinho da vida

³² Pimentel, Figueiredo. *O Aborto*. Rio de Janeiro: Quaresma & Cia., 1893, p. 69.

³³ *Fon-Fon!*, 14-2-1914.

³⁴ Edmundo, Luiz. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, vol. III, p. 684-685.

agitada da corte, mais tarde capital federal, poderia chegar aos mais longínquos estados brasileiros. Por essa razão, os editores cariocas não perdiam tempo. A cada lançamento, divulgavam na grande imprensa frases de impacto e explicações que pudessem fisgar a curiosidade do leitor. Tudo isso, com o propósito de alcançarem o que passava a ser uma realidade: os altos índices de venda.

Abstract: This article attempts to revisit and analyze the so-called “romances de sensação” (sensational novels) and “romances para homens” (novels for men), in Rio de Janeiro at the end of the 19th century and beginning of the 20th century. It emphasizes the existence of an editorial and bookselling dynamic that catered to the growing readership in that urban setting. I intended to show, among other things, besides the well-known pieces recognized by literary history, a variety of cheap editions, called “livros para o povo” (ordinary novels), had large repercussions by dealing with the main conflicts, dilemmas, and anxieties of the period.

Keywords: Popular literature. Editorial market. Nineteenth Century.

Referências bibliográficas

- ATHAYDE, João Martins. *Elzira, a Morta Virgem*. Juazeiro: José Bernardo da Silva, 1950.
- CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: s/e, 1895.
- CASTRO, F. J. Viveiros de. *Atentados ao Pudor: Estudos sobre as Aberrações do Instinto Sexual*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895.
- CLELAND, John. *Fanny Hill*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1995.
- DARNTON, Robert. *Os Best-Sellers Proibidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do Meu Tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938, vol. II e III.
- EL FAR, Alessandra. *Páginas de Sensação. Literatura Popular e Pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MACHADO de Assis, Joaquim Maria. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro/Paris: Garnier, 1899.
- SABÓIA, Gilberto Ribeiro de. *O Lenocínio*. Rio de Janeiro: Typografia de Carlos Schmidt, 1896.
- SANTOS, Antonio Teodoro dos. *Elzira, a Morta Virgem*. São Paulo: Prelúdio, s.d.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. “Um olhar naturalista — entre a ruptura e a tradição”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, vol. 35, 1992.

RIBEIRO, Pedro. *Elzira, a Morta Virgem*. Rio de Janeiro: Quaresma & Editores, 1913.

PIMENTEL, Figueiredo. *O Aborto*. Rio de Janeiro: Quaresma & Cia., 1893.

Edições Anônimas:

Amar, Gozar e Morrer. Original de ***, Tipografia Pudicícia, s/d.

Código Criminal do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Typografia de Quirino e Irmão, 1861.

Teresa fFlósofa. Porto Alegre: L&PM, 1991.

Jornais:

Fon-Fon!

Gazeta de Notícias

Jornal do Brasil

O País